

A PRESENÇA DAS ÁGUAS E AS DINÂMICAS DE USO NO PARQUE RITA LEE, BARRA DA TIJUCA, RIO DE JANEIRO

THE PRESENCE OF WATER AND THE DYNAMICS OF HUMAN USE IN RITA LEE PARK, BARRA DA TIJUCA, RIO DE JANEIRO

Giulia Figueiredo Ferreira ¹; Mylenna Linares Merlo ²; Giselle Arteiro Nielsen Azevedo ³, Aline Pires Veról ⁴.

¹Arquiteta e Urbanista | giulia.ferreira@fau.ufrj.br | PROARQ/FAU/UFRJ | Rio de Janeiro, Brasil; ²Mestre em Arquitetura | mylenna.merlo@fau.ufrj.br | PROARQ/FAU/UFRJ | Rio de Janeiro, Brasil; ³Doutora em Engenharia de Produção | gisellearteiro@fau.ufrj.br | PROARQ/FAU/UFRJ | Rio de Janeiro, Brasil; ⁴Doutora em Engenharia Civil | alineverol@fau.ufrj.br | PROARQ/FAU/UFRJ | Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo:

Este estudo examina a relação entre elementos hídricos e seu uso cotidiano no Parque Rita Lee, Rio de Janeiro, concebido como uma intervenção urbana sobre o legado dos Jogos Olímpicos de 2016. Em contraste com modelos de urbanização que negligenciam a sensibilidade ambiental, esta pesquisa analisa como a proposta de reconectar pessoas e natureza por meio das águas se concretiza na vivência do equipamento. A investigação, de caráter qualitativo, envolveu visitas de campo com observação direta, percurso guiado e registro fotográfico, além do levantamento de dados projetuais. A análise considerou o parque dividido em três setores, de acordo com seus padrões de uso e apropriação. A Área Aquática Infantil destacou-se como um ambiente de lazer e interações sociais, com benefícios cognitivos e afetivos, especialmente para as crianças. O Deck apresentou predomínio dos usos esportivo e contemplativo, enquanto o Parque Linear demonstrou ter baixa atratividade, evidenciando fragilidades no projeto paisagístico. Conclui-se que o parque contribui significativamente para o bem-estar e para a integração entre natureza e sociedade, mas ainda enfrenta desafios quanto à eficácia e à equidade espacial de suas soluções projetuais. A pesquisa ainda reforça o potencial de aplicação de Soluções baseadas na Natureza, desde que adaptadas às especificidades locais.

Palavras-chave:

Paisagens multifuncionais; Águas urbanas; SbN; Avaliação Pós-Ocupação; Parque Rita Lee.

Abstract:

This study examines the relationship between water elements and everyday use in Rita Lee Park (Rio de Janeiro) conceived as an urban intervention based on the legacy of the 2016 Olympic Games. In contrast to urbanization models that neglect environmental sensitivity, the research seeks to understand how the proposal to reconnect people and nature through water is realized in the experience of the facility. The investigation, of a qualitative nature, involved field visits with direct observation, guided tours and photographic records, in addition to the collection of design data. The analysis divided the park into three sectors according to the patterns of use and appropriation. The Children's Aquatic Area stood out as an environment for leisure and social interactions, with cognitive and affective benefits, especially for children. The Deck showed predominance of sports and contemplative uses, while the Linear Park showed low attractiveness, highlighting weaknesses in the project. It is concluded that the park contributes significantly to well-being and to the integration between nature and society, but still faces challenges regarding the effectiveness and spatial equity of its design solutions. The research also reinforces the potential for applying Nature-based Solutions, as long as they are adapted to local specificities.

Keywords:

Multifunctional landscapes; Urban waters; NbS; Post-Occupancy Evaluation; Rita Lee Park.

1. INTRODUÇÃO E ABORDAGEM CONCEITUAL

Ao longo da história, as águas desempenharam um papel central no desenvolvimento dos núcleos urbanos, impulsionando o crescimento das cidades. Todavia, a interação entre processos antrópicos e a paisagem natural resultou em modificações significativas, muitas vezes associadas à degradação ambiental (Veról *et al.*, 2020). Observa-se um modelo de urbanização que frequentemente desconsidera a sensibilidade ambiental, promovendo a ocupação de áreas frágeis, a impermeabilização excessiva do solo e a supressão de vegetação. Tal processo reflete uma abordagem que negligencia tanto os valores ecológicos quanto as dinâmicas sociais, comprometendo a qualidade dos espaços naturais e construídos. Hansen *et al.* (2019) defendem que a multifuncionalidade da paisagem é fundamental para o desenvolvimento de áreas verdes no espaço limitado das cidades, pois considera que essas estruturas podem fornecer múltiplos benefícios. Logo, as paisagens multifuncionais desempenham um papel fundamental na construção de cidades mais resilientes e sustentáveis, integrando diferentes usos e funções para maximizar benefícios ambientais, sociais e econômicos (Pellegrino *et al.*, 2006).

Diversos estudos destacam a importância da vivência de ambientes urbanos com a presença da água para o desenvolvimento físico, psicológico e cognitivo das pessoas, evidenciando que a exposição a ecossistemas hídricos ao ar livre está associada a benefícios para a saúde física e mental dos seres humanos (Gascon *et al.*, 2017). Segundo White *et al.* (2020), além do contato físico, o contato visual com a água contribui para a redução de problemas de saúde mental, melhora da saúde geral e diminuição do risco de depressão, sendo ainda mais relevante para pessoas com mobilidade reduzida, como idosos, melhorando sua qualidade de vida. Völker e Kistemann (2011) discutem as "dimensões de apropriação", que incluem a percepção das pessoas sobre esses espaços como locais para atividade física, construção de memórias positivas e interações sociais, assim como vínculos afetivos. Estudos qualitativos indicam que ambientes urbanos com água são propícios para momentos de qualidade com familiares e amigos (White *et al.*, 2020) e ainda ajudam a mitigar desigualdades socioeconômicas crônicas relacionadas à saúde (World Health Organization, 1980).

A experiência lúdica com a água, em especial, tem papel significativo no desenvolvimento infantil, promovendo habilidades motoras, sociais e emocionais, conforme apresentado por Weiss e Bredemeier (1990). Segundo os autores, a interação com ativos hídricos pode contribuir para o desenvolvimento moral e social das crianças, incentivando a cooperação, o respeito às regras e a interação com o ambiente, assim como com demais indivíduos. Do ponto de vista cognitivo, a exploração do movimento na água exige altos níveis de concentração e atenção, aspectos fundamentais para o desenvolvimento das habilidades cognitivas nos primeiros anos de vida. De acordo com Langendorfer e Bruya (1995), o ambiente aquático proporciona desafios específicos que estimulam a adaptação motora e a resolução de problemas, contribuindo para o aprimoramento da execução de tarefas e percepção espacial de crianças. Dessa forma, a interação com a água não apenas promove o bem-estar físico e emocional, mas também desempenha um papel essencial no desenvolvimento integral dos seres humanos.

As Soluções baseadas na Natureza (SbNs), definidas pela Comissão Europeia (2022) como inspiradas e apoiadas pelo meio ambiente, oferecem benefícios ambientais, sociais e econômicos. Segundo Herzog *et al.* (2022), elas correspondem às estratégias que proporcionam multifuncionalidade, serviços ecossistêmicos e resiliência urbana, pois se inspiram em processos naturais. Integradas à infraestrutura urbana, as SbNs vão além da função estética atrelada a infraestruturas verdes e azuis, articulando-se de forma funcional e sustentável ao tecido da cidade (Fraga, 2020), além de colaborarem para o planejamento urbano, a preservação ambiental e a adaptação às mudanças climáticas. Essas soluções permitem intervenções focadas, por exemplo, no controle de cheias ou na recuperação da qualidade ambiental de áreas degradadas. Entretanto, sua aplicação efetiva enfrenta desafios, principalmente em países em desenvolvimento como o Brasil, onde técnicas tradicionais de engenharia ainda são predominantes, criando uma lacuna entre as discussões técnico-científicas e a aplicação prática de soluções inovadoras.

Diante da urbanização desordenada e das transformações ambientais, torna-se urgente adotar estratégias que conciliem desenvolvimento urbano e preservação ecológica. O Parque Rita Lee, situado no município do Rio de Janeiro, exemplifica essa tentativa ao valorizar a água como elemento voltado para o lazer, o convívio social e a educação ambiental. No entanto, para compreender a efetividade dessas diretrizes, é fundamental uma análise crítica e empírica que avalie a relação entre o discurso projetual e a vivência dos usuários. Nesse sentido, este estudo propõe uma avaliação pós-ocupação, realizada no âmbito da disciplina “Avaliação de Desempenho do Ambiente Construído” do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ/FAU/UFRJ), com o objetivo de avaliar como a proposta de conectar pessoas e natureza, particularmente por meio de elementos hídricos, se traduz na experiência cotidiana ou esporádica que um indivíduo pode ter ao visitar o Parque Rita Lee.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO DE CASO

O Parque Rita Lee, implantado no antigo Parque Olímpico da Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, constitui uma intervenção de requalificação urbana que transforma o legado dos Jogos Olímpicos de 2016 em um espaço sustentável, multifuncional e integrado à cidade. O elemento central do projeto corresponde a um Parque Linear com 1,2km de extensão (Archdaily, 2024), que conecta a Avenida Abelardo Bueno à Lagoa de Jacarepaguá, oferecendo um percurso contínuo, parcialmente arborizado, com mobiliário para permanência e descanso. Além desse elemento, o projeto inclui um Parque Urbano (Figura 1), concebido para promover o lazer e a interação social, abrangendo playgrounds para diversas faixas etárias, espaços para realização de atividades esportivas, áreas de piquenique e estar, um *skatepark* e uma área infantil aquática.



Figura 1: a) Vista aérea do parque urbano; b) Área infantil aquática.

Fonte: Archdaily (2024).

No aspecto ambiental, o projeto prioriza a recuperação ecológica da área, com a criação de espaços permeáveis e a introdução de vegetação autóctone de Mata Atlântica, tendo sido realizado o plantio de mais de 1.100 mudas de espécies nativas, bem como implementado mais de 8.000m² de áreas permeáveis, segundo informações apresentadas pelo escritório responsável pelo projeto (Martin; Saboya; Fernandes; Bahiana, 2024). Essas medidas têm como objetivo reduzir os efeitos de ilhas de calor na região, melhorar a infiltração das águas no solo, além de articular o meio ambiente a um equipamento urbano de uso coletivo, proporcionando uma paisagem multifuncional de convivência, lazer e contato com a natureza para a população local e visitantes. Portanto, o projeto colabora para a restauração do equilíbrio ecológico no entorno do Complexo Lagunar de Jacarepaguá, conforme apresentado na Figura 2 - o qual inclui, entre outras, a Lagoa de Jacarepaguá, às margens do Parque Rita Lee -, mitigando os efeitos da urbanização sobre ecossistemas hídricos e ambientais.

A região da Barra da Tijuca enfrenta diversos desafios ambientais, resultantes de processos históricos de urbanização intensiva que impactaram negativamente seus ativos naturais. O sistema lagunar dessa região enfrenta problemas severos de degradação devido a ações antrópicas acumuladas ao longo de décadas, bem como um planejamento urbano inadequado, como o lançamento irregular de esgoto *in natura* em diferentes trechos do sistema hídrico local e o

assoreamento tanto dos afluentes como das lagoas (Silva, 2006). Observa-se uma fragmentação de áreas verdes, provocada pela ocupação urbana, que dificulta a conexão entre biomas nativos, como mata atlântica e restinga, e os sistemas hídricos. Isso compromete as dinâmicas ecológicas da flora e fauna, afetando o fluxo gênico e a biodiversidade local.

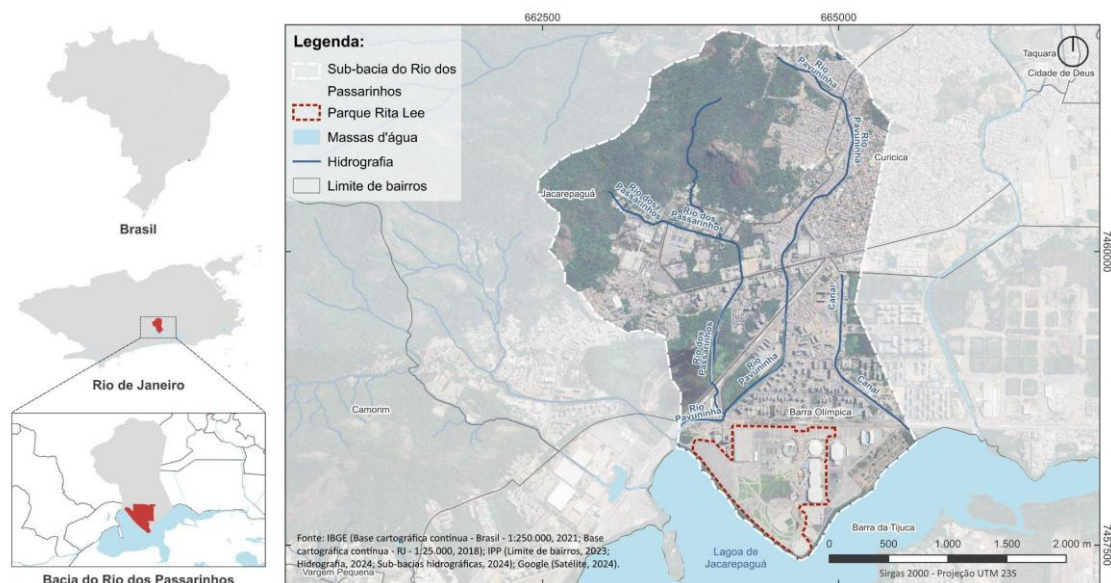


Figura 2: Localização do Parque Rita Lee e seu contexto urbano.
Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

O antigo projeto do Parque Olímpico, que foi inaugurado em 2016, contribuiu para um acréscimo na impermeabilização do solo na Barra da Tijuca, em virtude do aumento da ocupação desordenada e do crescimento significativo na densidade construtiva (Durante; Vasconcellos, 2021), sobretudo no entorno da área do Parque. Tal contexto colaborou para um acréscimo no risco de alagamentos e inundações na região, devido ao comprometimento dos padrões de infiltração natural, elevando o escoamento superficial e sobrecarregando os sistemas de drenagem urbana, o que reflete as alterações sobre o ciclo hidrológico que ocorrem em bacias hidrográficas urbanizadas (Tucci; Bertoni, 2003). O processo de degradação desse território afeta sua qualidade ambiental, assim como suas dinâmicas urbanas e socioeconômicas, com efeitos sobre o bem-estar da população e a saúde urbana. Uma mudança de paradigma representa um desafio para planejadores urbanos e gestores públicos, exigindo a concepção de soluções mais sustentáveis, voltadas para recuperação de ecossistemas naturais e mitigação dos efeitos da urbanização, promovendo maior equilíbrio ecológico nas cidades.

3. MATERIAIS E MÉTODO

Conforme Groat e Wang (2013) argumentam, o processo metodológico aqui apresentado se enquadra como qualitativo, com o objetivo de avaliar como a proposta conceitual de conectar pessoas e natureza, particularmente por meio de elementos hídricos, se traduz na vivência que cada usuário tem do Parque Rita Lee. O trabalho é dividido em quatro etapas distintas, apresentadas a seguir.

3.1. ETAPAS METODOLÓGICAS

A Etapa 1 consistiu no reconhecimento inicial da área de estudo, fundamental para a caracterização espacial do Parque Rita Lee e a definição dos primeiros parâmetros de análise. Para isso, foi realizada uma visita exploratória ao local com o objetivo de observar a organização do espaço, a distribuição dos elementos naturais e construídos, e as dinâmicas de uso pelos visitantes. A ida a campo aconteceu no dia 26 de novembro de 2024 (terça-feira), pela manhã (entre 9h30min e 12h). Durante a primeira etapa buscou-se observar os possíveis usos cotidianos que acontecem no

parque, com foco na identificação dos principais pontos de interesse, como áreas de interação com a água, espaços de lazer e contemplação, e a presença de infraestrutura de suporte. Tal etapa permitiu levantar questões-chave que orientaram as etapas subsequentes, auxiliando na escolha dos métodos mais adequados para análise detalhada do parque. Nessa fase, foram anotadas percepções preliminares sobre os quatro critérios: a) Conectividade, considerando a integração da água com os demais elementos do parque; b) Acesso e Uso, avaliando a acessibilidade física e facilidade de uso por diferentes públicos; c) Conforto Ambiental, observando como a presença da água e da vegetação influencia o clima e a sensação de bem-estar, com base em percepções sensoriais; d) Experiência do Usuário, identificando possíveis riscos, falhas na sinalização ou conflitos no uso dos espaços.

A Etapa 2 concentrou-se no desenvolvimento dos métodos de avaliação, visando a coleta sistemática de dados sobre o Parque Rita Lee. Essa etapa envolveu uma pesquisa sobre a contextualização do parque, bem como, uma palestra com os arquitetos da Ecomimesis (Martin; Saboya; Fernandes; Bahiana, 2024), a fim de compreender melhor as intenções projetuais e os desafios enfrentados para viabilização do projeto. Ela foi relevante para compreensão dos impactos das decisões de projeto durante a vivência do espaço do parque, assim como auxiliou na interpretação dos dados coletados nas etapas seguintes.

A Etapa 3 da pesquisa consistiu na definição e aplicação dos dispositivos de avaliação do ambiente para a coleta de dados qualitativos sobre a interação dos visitantes com o parque e seus elementos naturais. Os instrumentos de avaliação adotados foram o percurso guiado, o registro fotográfico e a observação direta, analisando-se mais a fundo as dinâmicas de uso do espaço e o contato entre as pessoas e a água, que está presente em diferentes formas no Parque Rita Lee. Para tal, optou-se por realizar uma segunda visita a campo no dia 08 de dezembro de 2024 (sábado), também no período da manhã, o que possibilitou tanto a observação de interações e apropriações específicas, como de um contingente maior de pessoas visitando o equipamento. A articulação de três instrumentos aplicados nesta segunda visita ajudou a compreender como o projeto arquitetônico e paisagístico é vivenciado pelos usuários do ambiente construído e o real impacto deste equipamento urbano na vida da população local.

Já a Etapa 4 envolveu a análise e a sistematização dos dados coletados durante as etapas anteriores. Nessa fase, foi realizada uma análise crítica do projeto, verificando de que forma os elementos hídricos e a infraestrutura do parque contribuem para a interação dos visitantes com o ambiente natural. Os dados foram organizados para identificar padrões de uso e comportamento, destacando tanto os aspectos positivos quanto as limitações do projeto. A análise também incluiu uma reflexão sobre a eficácia das soluções projetuais em atender às necessidades dos usuários e promover a convivência harmoniosa entre as pessoas e a natureza.

3.2. INSTRUMENTOS DE ANÁLISE

Para a coleta de dados e a análise da interação entre os visitantes e os elementos hídricos do Parque Rita Lee, foram empregados diferentes instrumentos metodológicos amplamente utilizados em pesquisas sobre percepção ambiental e avaliação da qualidade do espaço urbano. A adoção de uma abordagem multimétodos, conforme destacado por Günther *et al.* (2008), não se limita à aplicação de diferentes técnicas para a coleta de dados, mas exige a integração dos resultados na análise interpretativa do pesquisador. Dessa forma, a combinação dos métodos empregados possibilitou uma compreensão mais ampla e aprofundada da relação entre os usuários e os elementos hídricos do Parque Rita Lee, contribuindo para a avaliação do espaço a partir de múltiplas perspectivas.

O percurso guiado (Rheingantz *et al.*, 2009) foi utilizado para estabelecer um contato inicial com a área de estudo, permitindo a identificação descritiva dos aspectos positivos e negativos do ambiente analisado. O método foi realizado por meio da técnica de observador-participante, assim os pesquisadores puderam articular suas percepções espaciais em relação à acessibilidade, conectividade e atratividade do local. Dessa forma, foi possível investigar o comportamento das pessoas em diferentes partes do parque, oferecendo uma visão aprofundada sobre como elas se

relacionam com as fontes de águas presentes nesse equipamento urbano, sejam elas construídas ou naturais, assim como demais componentes que contribuam para a ambiência local. Esse método também favorece a familiarização com o espaço e seus usos, podendo ser complementado por fotografias, croquis gerais e gravações para enriquecer a análise qualitativa (Rheingantz *et al.*, 2009).

A observação direta, método muito empregado em estudos etnográficos, possibilitou o registro sistemático dos padrões de comportamento, frequência de uso e interações sociais no parque. Este dispositivo de investigação permitiu uma análise mais detalhada das interações, focando nos aspectos sociais e ambientais, como a frequência de visitantes, os usos das áreas verdes e a presença de ações educativas planejadas e espontâneas. De acordo com Günther *et al.* (2008), a observação, especialmente quando não estruturada, oferece a vantagem de ser um método não invasivo, permitindo captar dinâmicas espontâneas sem provocar resistência no público observado. Além disso, foram analisados vestígios de comportamento, identificando sinais de ocupação e apropriação dos espaços mesmo na ausência dos usuários, contribuindo para a compreensão dos padrões de uso ao longo do tempo.

O registro fotográfico foi empregado como instrumento complementar, auxiliando na documentação visual dos diferentes usos e apropriações do espaço. Este instrumento foi fundamental para documentar visualmente as dinâmicas de uso e destacar momentos significativos de apropriação dos espaços, como a utilização das águas para atividades lúdicas e de lazer, descanso ou práticas físicas. Segundo Rheingantz *et al.* (2009), o percurso guiado pode ser complementado por fotografias, croquis gerais e gravações, permitindo um registro detalhado dos elementos espaciais e das interações dos usuários com o ambiente. Esse dispositivo possibilitou a construção de um registro comparativo, permitindo a identificação de padrões espaciais e sua relação com os elementos projetados.

4. RESULTADOS

Os resultados obtidos a partir das visitas a campo e dos dispositivos de investigação adotados permitiram uma análise detalhada da utilização dos diferentes espaços do Parque Rita Lee, evidenciando variações significativas na apropriação do ambiente pelos visitantes. Apesar da pesquisa adotar o método de observação participante, buscou-se valorizar o envolvimento espontâneo da população usuária do parque ao longo de todas as visitas realizadas. A análise da interação das pessoas com os elementos hídricos foi fundamentada na observação atenta dos comportamentos, usos e apropriações do espaço, permitindo a compreensão de dinâmicas sociais reais sem a interferência direta dos pesquisadores. Esses registros contribuíram para a avaliação da água como elemento catalisador de convívio, recreação e bem-estar, evidenciando o papel ativo dos usuários na ressignificação cotidiana do parque.

O parque foi dividido em três áreas principais de observação: Área Infantil Aquática, no Parque Urbano, Deck e Parque Linear. Cada uma dessas áreas apresenta características distintas, refletindo diferentes tipos de interação e uso por parte dos frequentadores. A Área Infantil Aquática se destacou como a zona mais dinâmica e com maior apropriação, especialmente por crianças, enquanto o Deck, com vista para a Lagoa de Jacarepaguá, serve predominantemente como área de contemplação. Já o Parque Linear se revelou uma área extremamente árida, com menor uso e interação, o que levanta questões sobre sua funcionalidade e potencial de melhoria, em especial no contexto do projeto paisagístico.

4.1. ÁREA INFANTIL AQUÁTICA

As primeiras observações, realizadas a partir das visitas a campo, revelaram que a Área Infantil Aquática - um espaço de piso cimentício colorido, com estruturas metálicas que evocam a silhueta de árvores, de onde saem jatos que liberam água tratada em diferentes momentos e em quantidades variadas - acaba sendo o ambiente mais utilizado no Parque Rita Lee (Figura 3). Esta se configura como um ponto de atração de pessoas, que concentra diferentes usos e interações,

tanto entre usuários como entre seres humanos e natureza. Esse ambiente funciona como um importante local de convivência entre pessoas, sendo um espaço de livre apropriação onde o usuário tem a oportunidade de se envolver diretamente com a água, refletindo a eficiência do projeto em integrar aspectos ambientais e sociais.

Este espaço cria a possibilidade de aprendizagem através do brincar, por meio de uma experiência lúdica que é proporcionada pela interação com a água. Observou-se que tanto crianças como adultos fazem uso desta área do Parque, não apenas para se refrescar em dias quentes, em decorrência das temperaturas médias elevadas e a aridez no local, mas também para se apropriar desse espaço de inúmeras formas, seja correndo, pulando, deitando no chão ou brincando livremente. As pessoas também costumam se apropriar do entorno, se acomodando em áreas gramadas sombreadas, procurando um local para descanso, contemplação do parque e cuidado das crianças, realização de piqueniques, assim como para se protegerem do sol forte. Todos esses usos, identificados durante as visitas a campo, favorecem um vínculo maior entre os usuários e o espaço.

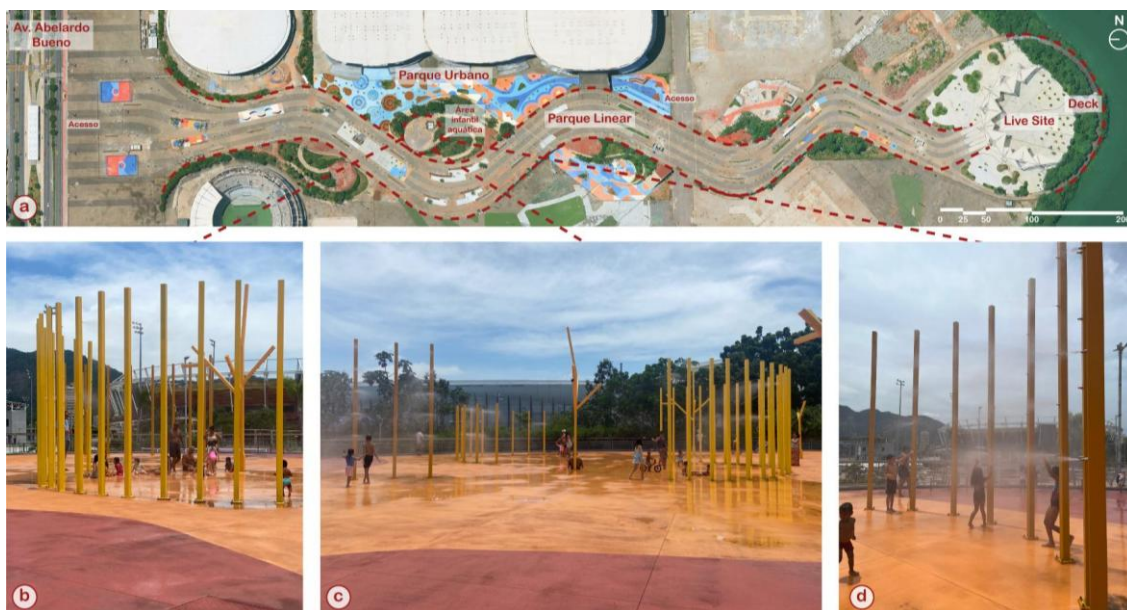


Figura 3: a) Mapa de localização do Parque. Fonte: Adaptado a partir do Google Earth (2025); b) Crianças e adultos na Área Infantil Aquática; c) Dinâmicas distintas de uso e apropriação; d) Brincadeiras lúdicas com a água. Fonte: Registros realizados pelos autores (2024).

4.2. PARQUE LINEAR

A análise revela que o Parque Linear apresenta uma aridez perceptível, particularmente em áreas onde as árvores implantadas ainda estão em fase inicial de crescimento (Figura 4). Essas espécies vegetais, ainda jovens, não proporcionam o sombreamento necessário para amenizar o calor, tornando tais áreas pouco convidativas para atividades esportivas, de lazer ou descanso, especialmente em dias com altas temperaturas. A pavimentação extensiva na região contribui significativamente para o agravamento da sensação térmica, assim como para a impermeabilização do solo, impedindo a absorção adequada de águas pluviais. Logo, a combinação desses fatores agrava o processo de aquecimento urbano, sobretudo as ilhas de calor, gerando um ambiente desconfortável para os visitantes. A escassez de áreas vegetadas e sombreadas, para além de canteiros e jardins, limita a possibilidade de apropriação livre pelos usuários, dificultando a criação de espaços de convivência mais naturais e agradáveis.

Embora haja a presença de espécies nativas, incluindo árvores frutíferas típicas da Mata Atlântica, como pitangueiras, jaboticabeiras e araçazeiros, bem como tenha sido realizada a aplicação de SbNs, o parque carece de sinalização adequada, o que compromete seu papel educativo e dificulta a orientação dos visitantes. A ausência de placas informativas limita a compreensão sobre a importância da vegetação autóctone e dos conceitos ambientais presentes no projeto, restringindo

o potencial de sensibilização do público. Além disso, apesar da proximidade com o ecossistema lagunar, há um subaproveitamento do Parque Linear, especialmente em áreas áridas e com pouca infraestrutura, reduzindo sua atratividade e a diversidade de usos do espaço. Contudo, há um potencial significativo para revitalização deste por meio da inserção de elementos como percursos educativos, jardins de chuva e sinalização eficaz, capazes de ampliar a funcionalidade, a acessibilidade e o valor ambiental do Parque Rita Lee.

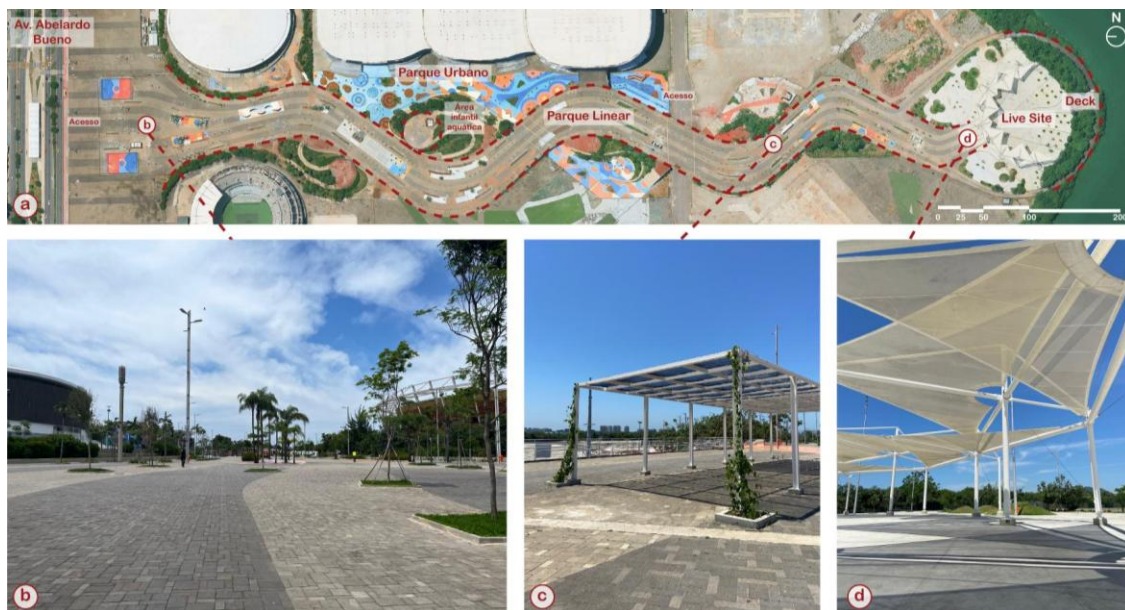


Figura 4: a) Mapa de localização do Parque. Fonte: Adaptado a partir do Google Earth (2025); b) Pavimentação extensiva impermeável; c) Pergolado situado no Parque Linear; d) Cobertura do Live Site. Fonte: Registros realizados pelos autores (2024).

4.3. DECK

O Deck do Parque Rita Lee se posiciona de maneira estratégica, oferecendo uma relação visual intimista com a Lagoa de Jacarepaguá e seus arredores, o qual cria um ambiente de contemplação e conexão com a paisagem natural (Figura 5). Este espaço é amplamente utilizado para atividades físicas, como caminhadas, corridas e ciclismo, devido à sua infraestrutura e proximidade com uma extensa massa d'água. A presença de vegetação nativa de mangue nas margens da lagoa tem um papel crucial na atração da avifauna típica da Mata Atlântica, criando um ecossistema favorável para a observação de aves e outras espécies animais, além de contribuir para a biodiversidade local. No entanto, apesar dessa proximidade visual com a água, o Deck não oferece acesso direto ao corpo d'água, impedindo o contato físico com a lagoa, reduzindo as possibilidades de interação dos visitantes com esse elemento natural.

Destaca-se a má qualidade da água do Complexo Lagunar de Jacarepaguá, cujas condições são impróprias para atividades balneares devido à contaminação por efluentes não tratados, que resulta em uma alta concentração de matéria orgânica e presença de cianobactérias. Essa realidade compromete a possibilidade de uso direto das águas da lagoa para atividades recreativas e exige estratégias integradas de saneamento, recuperação ambiental e educação para o uso consciente do recurso hídrico. Outra potencialidade não explorada no projeto é o transporte aquaviário, por meio de embarcações de pequeno porte, o qual já ocorre nesse ecossistema hídrico, especialmente na Lagoa de Marapendi. A falta de integração com o sistema de mobilidade aquaviária representa uma limitação na articulação do projeto com outras áreas da cidade, além da não incorporação de alternativas de transporte sustentável que valorizem a paisagem hídrica.

O Quadro 1, que organiza os principais resultados com foco nos elementos hídricos do parque, considerando-se os critérios apresentados na metodologia. Dessa forma, é possível compreender de forma sistematizada as dinâmicas de uso que ocorrem no Parque Rita Lee, evidenciando apropriações e percepções dos pesquisadores, além de oferecer uma visão estruturada e

comparativa das potencialidades e fragilidades observadas. O texto em verde refere-se aos aspectos positivos identificados, enquanto o texto em vermelho indica os aspectos negativos.

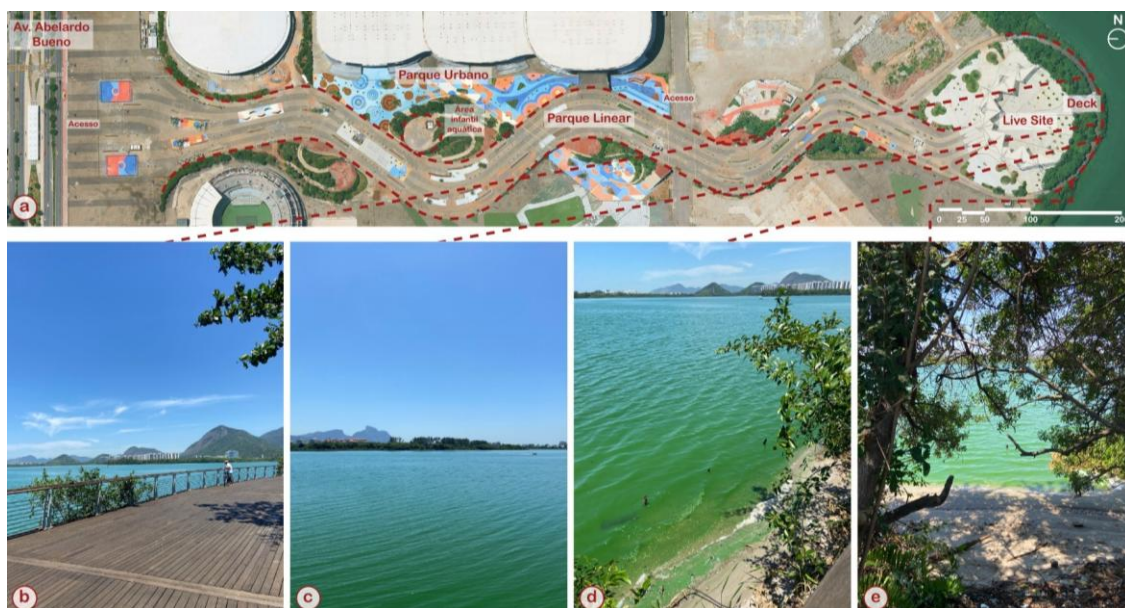


Figura 5: a) Mapa de localização do Parque. Fonte: Adaptado a partir do Google Earth (2025); b) Trecho do Deck; c) Lagoa de Jacarepaguá; d) Índícios de contaminação da água; e) Margem da Lagoa com vegetação nativa de mangue. Fonte: Registros realizados pelos autores (2024).

QUADRO DE AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO				
Local	Conectividade	Acesso e Uso	Conforto ambiental	Experiência do usuário
Área Infantil Aquática	<ul style="list-style-type: none"> - Integração entre pessoas e água por meio de estruturas lúdicas; - Conexão sensorial ativa entre pessoas e um elemento hídrico construído. 	<ul style="list-style-type: none"> - Alta apropriação do espaço por crianças e adultos; - Múltiplos usos espontâneos; - Prolongada permanência em dias quentes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Presença da água proporciona alívio térmico; - Contribuição para a regulação do microclima, especialmente em função da aridez geral do parque. 	<ul style="list-style-type: none"> - Experiência sensorial e lúdica proporciona contato direto com a água; - Promoção de atividades recreativas, de convivência social e de aprendizagem através do brincar.
Parque Linear	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de acesso direto ao Sistema Lagunar de Jacarepaguá; - Desconexão física com ativos hídricos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Baixa frequência de uso; - Ausência de sombra e mobiliário adequado; - Vegetação jovem e pavimentação excessiva limitam a apropriação livre. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pavimentação extensa; - Árvores jovens não geram sombreamento necessário; - Impermeabilização excessiva do solo; - Aumento da sensação térmica. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ausência de sinalização indicativa sobre flora, fauna e SbNs adotadas pelo projeto; - Comprometimento do entendimento e o uso qualificado do espaço pelo público.
Deck	<ul style="list-style-type: none"> - Integração visual com a Lagoa de Jacarepaguá; - Vegetação nativa e avifauna conectam visualmente os visitantes à natureza; - Ausência de acesso físico à água. 	<ul style="list-style-type: none"> - Espaço bastante utilizado para caminhadas, ciclismo e corrida; - Restrição aos potenciais usos da Lagoa de Jacarepaguá, que nesse trecho se limita à contemplação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Vegetação nativa contribui para a biodiversidade e a amenização do clima local; - Falta de mobiliário de permanência; - Risco de proliferação de doenças de veiculação hídrica. 	<ul style="list-style-type: none"> - Proximidade física com a natureza contribui para a saúde física e mental dos usuários; - Impossibilidade de imersão sensorial por falta de acesso físico à água.

Quadro 1: Critérios adotados para Avaliação Pós-Ocupação do Parque Rita Lee. Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo analisou a vivência no Parque Rita Lee, destacando como a integração de elementos hídricos favorece a conexão entre pessoas e natureza, como a Área Infantil Aquática e o Deck, que contribuem para o bem-estar por meio de atividades recreativas e físicas. A pesquisa evidenciou que as estratégias adotadas nesses espaços são eficazes na promoção de uma infraestrutura urbana mais saudável e interativa, no entanto, foram identificados desafios, como a aridez do Parque Linear, que apresenta pavimentação excessiva, a falta de áreas verdes, de modo geral, e a ausência de placas informativas, comprometendo o potencial educativo que esse equipamento urbano pode ter. Tais aspectos indicam limitações na aplicação de SbNs, que requerem planejamento adequado, além de contínua adaptação e integração de recursos educativos que possam fortalecer a relação dos usuários com os aspectos naturais presentes no Parque Rita Lee e no entorno imediato. A Avaliação Pós-Ocupação ressaltou as vantagens e as limitações de abordagem sustentável em espaços urbanos, além de oferecer lições sobre como integrar soluções ecológicas de maneira eficaz, tanto no desenho quanto na operação de projetos urbanos. Portanto, o estudo contribui para a construção de um conhecimento mais profundo sobre as melhores práticas para a implementação de estratégias de drenagem sustentável e preservação ambiental no contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHDAILY. Parque Rita Lee: Legado do Parque Olímpico/Ecomimese Soluções ecológicas. **ArchDaily Brasil**, 2024. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/1018724/parque-rita-lee-legado-do-parque-olimpico-ecomimese-solucoes-ecologicas>>. Último acesso em: 16 de maio de 2025.

COMISSÃO EUROPEIA. **Soluções baseadas na Natureza e os desafios da água: acelerando a transição para cidades mais sustentáveis**. Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia, 2022. Disponível em: <<https://data.europa.eu/doi/10.2777/850594>>. Último acesso em: 22 de janeiro de 2025.

DURANTE, A. C.; VASCONCELLOS, V. M. N. Análise da involução da permeabilidade do solo na Avenida Embaixador Abelardo Bueno, Barra da Tijuca, de 2000 a 2013. In: **UIA2021RIO: 27th World Congress of Architects**, 2021, Rio de Janeiro. Proceedings [...], Volume II. Washington, DC: Association of Collegiate Schools of Architecture, 2021.

FRAGA, R. G. SAYAGO, D. A. V. Soluções baseadas na Natureza: uma revisão sobre o conceito. Brasília: **Parcerias Estratégicas**. v. 25, n. 50, Seção 2 - Soluções baseadas na Natureza para cidades sustentáveis, p. 67-82, 2020.

GASCON, M.; ZIJLEMA, W.; VERT, C.; WHITE, M. P.; NIEUWENHUIJSEN, M. J. Outdoor blue spaces, human health and well-being: A systematic review of quantitative studies. **International Journal of Hygiene and Environmental Health**, v. 220, n. 8, p. 1207-1221, 2017.

GROAT, L.; WANG, D. **Architectural Research Methods**. John Wiley & Sons, 2 ed., 2013.

HANSEN, R.; OLAFSSON, A. S.; VAN DER JAGT, A. P.; RALL, E.; PAULEIT, S. Planning multifunctional green infrastructure for compact cities: What is the state of practice? **Ecological Indicators**, v. 96, p.99-110, 2019.

HERZOG, C.; FREITAS, T.; WIEDMAN, G. **Soluções baseadas na natureza e os desafios da água - Acelerando a transição para cidades mais sustentáveis**. [s. l.]. 2022.

LANGENDORFER, S. J., BRUYA, L. D. **Aquatic Readiness: Developing Water Competence in Young Children**. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publishers, 1995.

LIMA, M. C. P. B.; RAGONHA, J.; SCHENK, L. B. M. **A paisagem no planejamento e projeto do território: Um breve percurso entre objetividades e subjetividades**. Arquitextos, São Paulo, ano

23, n. 274.04, Vitruvius, 2023. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitexto/s/23.274/8732>>. Último acesso em: 22 de janeiro de 2025.

MARTIN, P. A.; SABOYA, A.; FERNANDES, C.; BAHIANA, J. Parque Rita Lee. Ecomimesis - Soluções Ecológicas Urbano-Paisagísticas. Palestra apresentada no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ/UFRJ), Rio de Janeiro, 2024.

PELLEGRINO, P. R.; GUEDES, P. P.; PIRILLO, F. C.; FERNANDES, S. A. A Paisagem da Borda: Uma Estratégia para a Condução das Águas, da Biodiversidade e das Pessoas. **Rios e Paisagens Urbanas em Cidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley Editora/PROURB FAU UFRJ, 2006.

RHEINGANTZ, P. A.; AZEVEDO, G. A. ; BRASILEIRO, A. ; ALCANTARA, D. D. ; QUEIROZ, M. **Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós ocupação**. Rio de Janeiro: Coleção PROARQ: FAU-UFRJ, 2009.

SILVA, G. O processo de ocupação urbana da Barra da Tijuca (RJ): problemas ambientais, conflitos sócio-ambientais, impactos ambientais urbanos. **PARC: Pesquisa em Arquitetura e Construção**, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 65-93, 2006.

TUCCI, C. E. M.; BERTONI, J. C. **Inundações urbanas na América do Sul**. Porto Alegre: Associação Brasileira de Recursos Hídricos, 2003.

VERÓL, A. P.; LOURENÇO, I. B.; FRAGA, J. P. R.; BATTEMARCO, B. P., MERLO, M. L.; MAGALHÃES, P. C.; MIGUEZ, M. G. River Restoration Integrated With Sustainable Urban Water Management For Resilient Cities. **Sustainability**, v.12, 2020.

VÖLKER, S.; KISTEMANN, T. The impact of blue space on human health and well-being – Salutogenetic health effects of inland surface waters: A review. **Urban Forestry & Urban Greening**, v. 10, n. 4, p. 211-218, 2011.

WEISS, M. R.; BREDEMEIER, B. J. L. Moral development in sport. **Exercise and Sport Sciences Reviews**, Baltimore: Williams & Wilkins, v. 18, n. 1, p. 331-378, 1990.

WHITE, M. P.; ELLIOTT, L. R.; GASCON, M.; ROBERTS, B.; FLEMING, L. E. Blue space, health and well-being: A narrative overview and synthesis of potential benefits. **Environmental Research**, v. 191, 110169, 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Environmental sanitation in European tourist areas**. EURO Reports and Studies, n. 18. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe, 1980.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa foi realizada com apoio da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) [Código de Financiamento [001; 88887.965743/2024-00], e da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) [Código de Financiamento [E-26/204.443/2024 e E-26/201.855/2025]. Adicionalmente, ela está vinculada aos Grupos de Pesquisa Projeto e Representação do Ambiente (PROAMB) e Grupo Ambiente-Educação (GAE), bem como à Cátedra Unesco "Drenagem Urbana em Regiões de Baixada Costeira" da Universidade Federal do Rio de Janeiro.